

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Brasil, abundante e também ignorante em biodiversidade
[Brazil, abundant and also ignorant of biodiversity]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-05-16 18:41:43
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160421

Brasil, abundante e também ignorante em biodiversidade

Embora o Brasil tenha, com abundância, “tudo o que é fator escasso no mundo”, somos um dos maiores emissores de carbono do mundo, com dois bilhões de toneladas anuais, pelo mau uso do solo, explica o jornalista ambiental Washington Novaes

POR GRAZIELA WOLFART E MOISÉS SBARDELOTTO

Depois de dez meses da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de Copenhague (COP-15) e a dez semanas da Conferência de Cancún (COP-16), a IHU On-Line conversou por telefone com o jornalista especialista em questões ambientais e povos indígenas Washington Novaes sobre a situação das mudanças climáticas hoje.

Segundo ele, há um reconhecimento cada vez maior da gravidade da situação ambiental em todo o mundo, e os chamados céticos das mudanças climáticas têm perdido muito terreno. Porém, o maior problema, especialmente a partir dos debates nas Conferências do Clima, é “conseguir um acordo sobre o que fazer diante disso tudo”, afirma Novaes. Segundo ele, já está praticamente definido que, na próxima reunião de Cancún, no México, em novembro deste ano, não haverá acordo.

O papel do Brasil nesse cenário é ambíguo. Novaes explica que o país já atinge uma marca de dois bilhões de toneladas anuais de emissões de gás carbônico, o que torna o Brasil um dos maiores emissores do mundo. Mas com uma característica especial: as emissões brasileiras não se devem às suas matrizes industrial ou de transporte, mas sim a mudanças no uso do solo, aos desmatamentos e queimadas, que respondem por 75% das emissões.

Por outro lado, “nós temos tudo o que o mundo sonha. Tudo o que é fator escasso no mundo tem aqui em relativa abundância. O Brasil é uma espécie de sonho do mundo”, diz. Para manter essa abundância, Novaes defende que o Brasil deveria discutir sua matriz energética. “Fica se falando que o Brasil precisa de mais tantos mil megawatts, de construção de hidrelétricas gigantescas, a um preço ambiental e financeiro altíssimo, quando existem estudos da matriz energética brasileira que dizem que o Brasil pode viver tranquilamente com 50% menos de energia do que consome hoje”, afirma.

Washington Luiz Rodrigues Novaes é jornalista há mais de 50 anos, tratando com destaque os temas de meio ambiente e povos indígenas. Atualmente, é colunista dos jornais *O Estado de São Paulo* e *O Popular*. Na TV Cultura de São Paulo é supervisor de *Biodiversidade* e comentarista do programa *Repórter Eco*. Na televisão, foi editor-chefe do *Globo Repórter* e do *Jornal Nacional*, da Rede Globo. Como produtor independente de televisão, dirigiu as séries *Xingu*, *A Terra Mágica*, *Kuarup*, *Pantanal e Xingu*, *A Terra Ameaçada*. Ganhou vários prêmios internacionais e nacionais, como o Prêmio de Jornalismo Rei de Espanha, o Prêmio Esso Especial de Meio Ambiente e o Prêmio Unesco de Meio Ambiente 2004. Tem vários livros publicados, dentre eles *Xingu* (Brasiliense) e *A Terra Pede Água* (Sematec/BSB). Em 2009 recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Goiás. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Neste período pós-Copenhague e pré-Cancún, como o senhor avalia a reflexão em torno das mudanças climáticas, especialmente por parte dos órgãos governamentais? Reconhece-se a gravidade da situação ou ainda há muito ceticismo? Washington Novaes - O reconhecimento da gravidade da situação é cada vez mais

amplo. Mesmo os chamados céticos das mudanças climáticas têm perdido muito terreno. Há poucos dias, saiu um estudo de várias instituições científicas convidadas pela ONU que reafirmaram que as previsões do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas¹ estão corretas.

¹ Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC): órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas

em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2500 cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmou que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a IHU On-Line 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjôo. Anotações sobre o relatório do IPCC*. O sítio do IHU tem dado ampla cobertura ao tema. No endereço eletrônico (www.ihu.unisinos.br), podem ser

Tem algumas incorreções, que eles pedem que sejam acertadas, e sugerem algumas mudanças de métodos. Mas diz-se que os diagnósticos do Painel do Clima estão certos. Os acontecimentos no mundo inteiro estão cada vez mais graves. Temos, neste momento, essas inundações gigantescas no Paquistão, na Índia, na China, os incêndios na Europa, desastres no Brasil e em outras partes. Então, isso está cada vez mais forte. O que está difícil é conseguir um acordo sobre o que fazer diante disso tudo. As lógicas financeiras continuam prevalecendo, seja no plano dos países, seja no plano das empresas e até no das próprias pessoas, cada um pensando o que acontecerá, se vai ganhar ou perder nesse quadro. E com isso não se consegue um acordo, a ponto de já estar praticamente definido que, na próxima reunião da Convenção do Clima, que será em novembro, em Cancún², no México, não haverá acordo. O próprio secretário-geral da ONU já disse isso, que não acontecerá esse acordo.

IHU On-Line - Qual a situação do Brasil com relação às mudanças climáticas? Quais são os nossos ecossistemas e biomas mais fracos diante da crise ambiental?

Washington Novaes - O Brasil, desde o início, não aceitou a questão dos compromissos obrigatórios de redução de emissões. Isso foi estabelecido, e o Brasil se recusou, sob a afirmação de que essa é uma obrigação dos países industrializados, que poluem mais e há mais tempo, e que aceitar metas obrigatórias de redução poderia comprometer o desenvolvimento econômico. No ano passado, porém, um pouco antes da reunião do clima em Copenhague³, o Brasil estabeleceu metas voluntárias que não podem ser controladas por ninguém, mas que ele se propôs a reduzir

acessados entrevistas sobre o assunto. (Nota da IHU On-Line)

² Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas e o Protocolo de Kyoto, a COP-16, irá ocorrer na cidade de Cancun, México, entre os dias 29 de novembro a 10 de dezembro de 2010. (Nota da IHU On-Line)

³ A COP-15 foi realizada em Copenhague, na Dinamarca, entre os dias 7 e 18 de dezembro de 2009. Sobre o tema, a IHU On-Line 311 produziu uma edição especial, intitulada *A Convenção do Clima em Copenhague. Um debate*, que pode ser acessada em <http://migre.me/1tsQE>. (Nota da IHU On-Line).

“Já está praticamente definido que, na próxima reunião da Convenção do Clima, no México, não haverá acordo. O próprio secretário-geral da ONU já disse isso”

as emissões em 40% sobre o que seriam essas emissões em 2020.

Hoje, os relatórios internacionais dizem que as emissões brasileiras estão na casa de dez a 11 toneladas por habitante a cada ano. Multiplicando-se isso por 200 milhões, isso vai dar mais de dois bilhões de toneladas anuais. Nesse quadro, o Brasil já é um dos maiores emissores do mundo, mas com uma característica: nas nossas emissões, a maior parte se deve, não à matriz industrial nem à matriz de transporte, e sim a mudanças no uso do solo, desmatamentos e queimadas. Elas respondem por 75% das emissões brasileiras. Nesse quadro, a Amazônia⁴, segundo o último levantamento do Ministério do Meio Ambiente, responde por 59%, e o Cerrado, por quase todo o restante, embora esse panorama esteja mudando um pouco, porque as emissões na Amazônia têm se reduzido, e as emissões do Cerrado continuam muito altas.

IHU On-Line - Os órgãos públicos estão fazendo o que lhes cabe para evitar que essas mudanças se aprofundem? Como o senhor avalia os projetos governamentais e as políticas públicas em torno da ecologia?

Washington Novaes - Uma das poucas coisas que tem funcionado um pouco é a questão do combate ao desmatamento na Amazônia, embora a redução do desmatamento tenha sido muito influenciada por pressões internacionais, por movimentos internacionais, como esses que exigem certificação da carne exportada, certificação da soja

⁴ Sobre a Amazônia, a IHU On-Line 211 produziu uma edição especial, intitulada *Amazônia. Verdades e Mitos*, que pode ser acessada em <http://migre.me/1tsYW>. (Nota da IHU On-Line)

exportada, certificação da madeira. Isso levou a uma redução razoável do desmatamento, que também se beneficiou, em 2009, da crise econômica, a qual reduziu as atividades.

Mas as nossas políticas são muito frágeis. Os instrumentos de controle na Amazônia e nos outros biomas são muito frágeis. Neste momento, por exemplo, o que nós temos de queimadas⁵ no Centro-Oeste e no Cerrado é uma loucura. E não há instrumentos de controle. A única coisa que se está fazendo é aumentar o número de brigadas para combater os incêndios. Mas não há políticas preventivas em relação a isso. De modo geral, as nossas políticas de adaptação às mudanças climáticas, como elas são chamadas, são muito frágeis, em todos os lugares.

IHU On-Line - Que importância a “agenda ambiental” deveria ter para os próximos governos?

Washington Novaes - Eu entendo que isso deveria estar no centro de uma estratégia brasileira e no centro de uma discussão de uma eleição presidencial. Mas essa discussão não existe, você não vê essa discussão, a não ser menções da Marina Silva⁶ ao que ela chama de “processo de qualidade”, a necessidade dessa política em quase todas as áreas de governo. Mas não é um tema central das eleições, e essa estratégia também não está em cogitação.

O que eu penso é que um país como o Brasil deveria estar muito atento a isso. Os relatórios mundiais têm dito o seguinte: os grandes problemas de hoje no mundo são as mudanças climáticas e os padrões de consumo já bastante além da capacidade de reposição do planeta.

⁵ Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do IHU sobre a temática das queimadas: *Pantanal ameaçado pelas mudanças climáticas*. Entrevista especial com Paulo Teixeira de Sousa Júnior, disponível em <http://migre.me/1tt5k>; *O homem contra a floresta*. Entrevista especial com Bráulio Dias, disponível em <http://migre.me/1tt5N>; *Falta de ação política e as mudanças climáticas*. Entrevista especial com Osvaldo Canziani, disponível em <http://migre.me/1tt67>; *O Brasil em chamas*. Entrevista especial com Saulo Freitas, disponível em <http://migre.me/1tt6z>; *Amazônia, desmatamento e clima*. Entrevista especial com Carlos Nobre, disponível em <http://migre.me/1tt72>. (Nota da IHU On-Line).

⁶ Confira a entrevista concedida por Marina Silva ao sítio do IHU, intitulada “O crescimento dever ser um instrumento para o desenvolvimento”, disponível em <http://migre.me/1ttcx>. (Nota da IHU On-Line).

O Kofi Annan⁷, o ex-secretário-geral da ONU, diz até que essas duas questões ameaçam a sobrevivência da espécie humana. Se é assim, o Brasil deveria pensar o seguinte: nós temos tudo o que o mundo sonha. Tudo o que é fator escasso no mundo tem aqui em relativa abundância: nós temos território continental, possibilidades de plantar e colher, porque temos sol o ano todo, temos quase 13% de toda a água que corre no planeta, temos de 15% a 20% da biodiversidade, que é a grande riqueza do mundo, nós temos a possibilidade de uma matriz energética limpa e renovável com energia solar, energia eólica, energia hidrelétrica, energia de marés, geotérmica, energia de biomassa... Então, de certa forma, o Brasil é uma espécie de sonho do mundo. Isso deveria ser o centro de uma estratégia que valorizasse e tentasse trabalhar isso tudo. Infelizmente, ainda não é.

IHU On-Line - Muito se fala do Brasil enquanto um país com grande potencial econômico e rico em recursos naturais. Como conciliar a necessidade de desenvolvimento e de energia com as questões ecológicas?

Washington Novaes - Não há desenvolvimento sem respeito a essas questões. Não há nada que o ser humano possa fazer que não esteja dependente do meio físico. Tudo o que o ser humano faz tem repercussões no meio físico, no ar, no solo, na água, nos outros seres vivos, na biodiversidade. Então é preciso que tudo seja feito de uma forma compatível com a conservação desses recursos naturais, desses meios naturais.

A questão da energia também não é diferente. E a primeira coisa que o Brasil precisaria ter é uma discussão aprofundada sobre a questão da sua matriz energética. Porque fica se falando que o Brasil precisa de mais tantos mil megawatts, de construção de hidrelétricas gigantescas, a um preço ambiental e financeiro altíssimo, quando existem

estudos da matriz energética brasileira que dizem que o Brasil pode viver tranquilamente com 50% menos de energia do que consome hoje. Existe um estudo da Unicamp de 2006 que diz isso. Mas isso não está em discussão.

IHU On-Line - Em outubro deste ano, organizações ambientais internacionais estão organizando a campanha 10:10:10, o dia da maior mobilização local contra as mudanças climáticas em todo o mundo, em que organizações e pessoas darão pequenos passos para reduzir o seu consumo de carbono. Como o senhor avalia a importância de iniciativas em micro-escala e locais como essa?

Washington Novaes - Eu acho isso muito importante, porque tem muita repercussão na sociedade e vai disseminando, nela mesma, certos conceitos, certas necessidades que só a sociedade pode nos fazer lançar. Só ela, com as suas reivindicações, com as suas pressões, é que pode mudar as políticas, exigir novas políticas. Então, são muito importantes.

IHU On-Line - A partir da proposta do “Tempo para a Criação”, como podemos entender o valor da Criação a partir de uma perspectiva mais ampla, envolvendo também aspectos éticos e espirituais?

Washington Novaes - A reflexão sobre o planeta é fundamental. Não há nada que o ser humano faça que não tenha relação com o meio físico. Dependemos do meio físico para tudo. Todos os nossos atos estão relacionados. Então, isso tem um impacto. Precisamos entender isso. O que o ser humano fizer com a água acontecerá com o seu próprio corpo. O nosso corpo é feito de 70% de água. O que o ser humano fizer com o solo irá repercutir no nosso próprio corpo, através dos alimentos que nós ingerimos. Repercutirá com o que ele fizer na atmosfera, porque nós respiramos esse ar. Nós dependemos da biodiversidade para tudo. Tudo o que está na nossa vida depende da biodiversidade. Então, essa reflexão sobre a Criação é muito importante para levar a sociedade a entender que ela precisa se comportar de outras formas.

⁷ Kofi Annan (1938): Diplomata de Gana. Começou a trabalhar nas Nações Unidas ao ingressar em 1962 na Organização Mundial da Saúde. Ao longo dos anos exerceu diferentes funções na ONU até chegar ao posto de secretário-geral em 1º de Janeiro de 1997. Em 2001, foi laureado com o Prêmio Nobel da Paz. (Nota da IHU On-Line).

CICLO DE PALESTRAS: PERSPECTIVAS SOCIOAMBIENTAIS E ECONÔMICAS DO BRASIL

2010 - 2015. LIMITES E POSSIBILIDADES

WWW.IHU.UNISINOS.BR